

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

11

天十廿三廿廿一
廿廿廿廿廿廿廿廿

A obra vai terminar com a Bibliografia (pp. 223-227), com a esperada presença das várias traduções do «Livro dos Mortos» à disposição dos egiptólogos e dos autores que antes se dedicaram ao estudo dos textos do túmulo: C. Campbell (que o visitou em inícios do século XX), M. Almagro Basch, H. Goedicke, G. Thausing, A. Michalowski, L. Monreal e E. Schiaparelli.

Alguns signos hieroglíficos não foram correctamente interpretados pela Autora porque o trabalho de compilação dos textos foi efectuado em 1992, antes portanto do grande trabalho de restauro levado a efeito no túmulo de Nefertari (corrigenda da p. 1), que agora, com frescas cores, surge renovado mais de três mil anos depois de ter sido aberto para a mais amada rainha de Ramsés II. O que se lamenta é que este meticuloso trabalho de Marta Puvill ainda não existisse na altura em que, há mais de vinte anos, a Fundação Calouste Gulbenkian exibiu a reconstituição do túmulo de Nefertari, a bela esposa real «digna de amor» (*beneret merut*).

Luís Manuel de Araújo

SALVADOR COSTA LLERDA, LUCAS BAQUÉ MANZANO e JORDI GARCÍA VILALTA, *Voces en el umbral de la muerte. El faraón frente a las divinidades en el Valle de los Reyes: Tumba de Horemheb (KV 57)*, Cuadernos de Egiptología Mizar, 5, Barcelona, Librería Mizar, 1999, 128 pp.

Os autores do caderno nº 5 da série Egiptología Mizar têm algo em comum para além de serem egiptólogos bem considerados pelos estudos que produzem: são membros da Societat Catalana d'Egiptologia. Decidiram congregar os seus esforços para elaborar um texto sobre o túmulo de Horemheb no Vale dos Reis (KV 57), fazendo dele um bom exemplo para ilustrar «um dos mistérios centrais da religião faraónica»: a transformação do defunto em Osíris e, por consequência, «o seu ingresso num regime ontológico e social diferente» – é este o propósito que se colhe no texto introdutório da obra que aqui apreciamos (pp. 1-3). A introdução apresenta sumariamente a figura do faraó Horemheb desde a sua nomeação para o comando do exército egípcio ainda no reinado do herético Akhenaton, tendo depois reforçado a sua posição no reinado de Tutankhamon, altura em que exibiu o alto cargo militar de *idenu en hemef* (delegado de sua majestade). Sendo o objectivo deste trabalho colectivo a apresentação da tumba e dos seus espaços interiores vistos no seu aspecto ritual e simbólico, ganha ênfase a sua evocação como um «lugar de trânsito» onde se destacam a «sala da espera»

e o vestíbulo ou «sala da verdade», a qual antecede a câmara do sarcófago: «Alli las escenas y los textos inscritos señalan el umbral de esse pasaje que discurría entre las tinieblas y la luz, entre la muerte y la vida; es allí también donde los dioses recibirían con aceptación al soberano de Egipto para confirmarle en su cargo como legítimo gobernante por toda la eternidad.»

O capítulo 1 (pp. 5-12) situa «O túmulo de Horemheb (KV 57)» e posiciona-o entre as outras tumbas reais de Biban el-Muluk, o Vale dos Reis, que em antigo egípcio tinha a designação de Ta Set Aat, ou seja, «O Grande Lugar». Inclui dois esquemas do túmulo em corte e em planta, com letras identificadoras nos vários espaços, merecendo destaque a letra E correspondente à «sala da espera» (*ta usekhet isek*) e a letra I que identifica a «sala da verdade» (*ta usekhet maet*). Um gráfico na p. 11 completa estes dados iniciais, mostrando em perspectiva os espaços simbólicos da «tumba ideal» do período ramsésida. Com ele se pode encetar o percurso desde a porta de entrada com escadaria descendente até à mais profunda câmara designada por «segunda passagem que está no final da sala do ouro». Para aqui chegar, e acompanhando as letras identificadoras da casa de eternidade cavada na montanha tebana, começa-se pela «primeira passagem do deus Ré que está sobre o caminho do sol» (A), «a segunda passagem do deus» (B), «a outra terceira passagem do deus» (C), «o santuário em que descansam os deuses do Oriente» (C1), «o santuário em que descansam os deuses do Ocidente» (C2), «a outra quarta passagem do deus» (D), «o sítio dos dois guardiões da porta» (D1 e D2), «a sala da espera» (E), «a sala do carro» (F), «outra sala: repelir os rebeldes» (F, pilares), «primeira passagem de *uepet*» (G), «a outra segunda passagem do deus» (H), «a sala da verdade» (I), «a sala do ouro na qual se descansa», isto é, a câmara do sarcófago (J), «a passagem que está no caminho interior da sala do ouro» (K), «a sala do tesouro» à esquerda (K1), «a sala do tesouro» à direita (K3), «o lugar de descanso dos deuses» (K2 e K4), e por fim «a segunda passagem que está no final da sala do ouro» (L).

O capítulo 2 apresenta-nos as «Cenas da “sala de espera” (sala E)» (pp. 13-45), numeradas de 1 a 9. Começamos por ver Horemheb recebido por Horsaiset (aqui como Harsiesis) e por Ísis (cena 1), depois Horemheb oferecendo dois vasos globulares com vinho a Hathor (cena 2), Horemheb venerando Osíris (3), recebido por Horsaiset e por Hathor (4), recebido por Horsaiset e por Ísis (5), novamente oferecendo dois vasos globulares com vinho a Hathor (6), de novo venerando Osíris (7), representado frente a Hathor e Horsaiset (8) e por fim o faraó representado frente a lunmutef, Osíris, Anúbis e Horsaiset (9).

Com o capítulo 3 (pp. 47-94) somos introduzidos na «sala da verdade», cuja conotação maética se evidencia pelas cenas finais em que o monarca, já osirificado, é recebido pela deusa Maet. As «Cenas da “sala da verdade” (sala I)», numeradas de 10 a 25, iniciam-se com o abraço de Hathor a Horemheb (cena 10), o faraó venerando o deus Anúbis (11), apresentando dois vasos globulares com vinho a Ísis (12), venerando o deus Horsaiset (13), apresentando dois vasos globulares com vinho a Hathor (14), venerando Osíris «o que está à frente do Ocidente» (15), oferecendo unguentos a Ptah (16), recebido por Horsaiset e Hathor (17), apresentando dois vasos globulares com vinho a Anúbis (18), venerando Ísis (19), apresentando dois vasos globulares com vinho a Horsaiset (20), venerando Hathor (21), apresentando dois vasos globulares com vinho a Osíris (22), venerando Nefertum (23), e por fim Horemheb recebido por Maet (cenas 24 e 25). Aqui Horemheb tem o seu nome encartelado antecedido pelo título-nome de «Osíris-rei».

O capítulo 4 consiste no «Estudo iconológico das cenas» (pp. 95-114), chamando desde logo a atenção «a excessiva ordem e simetria que regem todas as composições». Depois será preciso ter em conta que os diferentes registos de cenas e fórmulas escritas «compunham em si mesmas um complexo protocolo mítico-jurídico destinado a reconhecer o direito do soberano a ser admitido como um deus no outro mundo». Sobre a cena culminante da recepção de Horemheb por Maet, no final da «sala da verdade» logo antes do acesso à câmara funerária, para a osirificação do soberano (que passa pela sua declaração de *maé-kheru*, ou justificado), sublinham os autores o aspecto dual da cena: são duas Maet que lá estão, numa visão dupla que se atesta também no percurso com a presença de Ré «senhor do universo» e Osíris «senhor do outro mundo».

Por fim vem um anexo com «Os nomes das divindades e seus epítetos no túmulo KV 57» (pp. 115-123) e a bibliografia (pp. 125-128).

Luis Manuel de Araújo

RUTH SCHUMANN ANTELME e STÉPHANE ROSSINI, *Les Secrets d'Hathor. Amour, érotisme et sexualité dans l'Égypte pharaonique*, Mónaco, Éditions du Rocher, 1999, 281 pp. + desdobrável. ISBN 2 268 03378 3

Após os trabalhos, em grande medida pioneiros, de Philippe Derchain nos anos setenta do século XX, desenvolvidos depois, entre outros, pelos aliciantes estudos de Lise Maniche (com destaque para o seu *Sexual Life in Ancient Egypt*, Londres, 1987), esta nova obra vem